

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS - CESP
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA RELAÇÃO
ENTRE O TEXTO, O LEITOR E O MEDIADOR

PARINTINS – AM
2018

LÚCIA DE SOUZA CIDADE

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA RELAÇÃO
ENTRE O TEXTO, O LEITOR E O MEDIADOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado do Amazonas –
Centro de Estudos Superiores de Parintins –
UEA/CESP, como exigência parcial para
obtenção do grau de Licenciado em Letras.

ORIENTADORA: Prof^ª. Msc. Delma Pacheco Sicsú

PARINTINS – AM

2018

LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA RELAÇÃO ENTRE O TEXTO, O LEITOR E O MEDIADOR

Lúcia de Souza Cidade¹

Delma Pacheco Sicsú²

RESUMO: O presente trabalho aborda a necessidade de acompanhamento pelo professor-mediador na leitura, no texto literário e o aluno leitor da EJA, com o propósito de mostrar as dificuldades encontradas por esses alunos no que diz respeito a compreensão e a análise desses textos, objetivando mostrar como a literatura pode contribuir na formação do leitor competente da Educação de Jovens e Adultos. O trabalho foi desenvolvido, utilizando em sua metodologia a pesquisa de natureza qualitativa, tendo como método de procedimento o estudo de caso e o método dialético como método de abordagem. As pesquisas utilizadas foram: a bibliográfica por contar com apoio de teóricos que colaboraram em vários contextos pertinentes às sugestões inseridas neste trabalho e de campo, haja vista ser necessária para verificar o teor da proposta, sendo realizada em uma Escola Estadual no município de Parintins-Am. Tomou-se como base teórica para a pesquisa Soares (2006); Chizzotti (2006); Eagleton (2001); Cosson (2014); PNE; PCN, entre outros. Para a coleta de dados optou-se por questionários, acompanhados de oficinas de leitura. Nesse contexto, conclui-se que o professor tem um desafio muito grande em relação às leituras de textos tanto literário como não literários expostos na sala de aula uma vez que os alunos não têm o costume de ler, pois não foram incentivados pelas famílias.

Palavras-chave: Literatura, Leitura, EJA, Texto, Mediador.

ABSTRACT: The present work addresses the need for accompaniment by the teacher who mediates the reading, the literary text and the reader, student of the Youth and Adult Education, in order to show the difficulties encountered by these students regarding the comprehension and analysis of these texts, as presented in the formulation of the problem, aiming to show how literature can contribute to the formation of the competent reader in the Youth and Adult Education. The work was developed, using qualitative research as its methodology, having as a proceeding method a case study and the dialectical method as the approaching method. The research conducted was the field one, since it is necessary to verify the content of the proposal being carried out in a State School in the city of Parintins-Am. It was taken as theoretical basis for the research Soares (2006); Chizzotti (2006); Eagleton (2001); Cosson (2014); PNE; PCN, among others. For the data collection, a questionnaire was answered, followed by reading workshops. In this context, it is concluded that the teacher has a very great challenge regarding the readings of both literary and not literary texts exposed in the classroom since students do not have the habit of reading, because, they were not encouraged by their families.

Keywords: Literature, Reading, EJA, Text, Mediator.

INTRODUÇÃO

Os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) são pessoas que por algum motivo não puderam estudar no tempo correspondente à idade ano/escolar estabelecida. Nascimento (2010) enfatiza que esses educandos passam por um período de luta, uma vez que não enfrentam apenas as dificuldades pelo longo período fora das salas de aula. Para eles, o ingresso na escola

¹ Acadêmica do 8º Período de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. E-mail: luciascidade@gmail.com

² Mestra em Letras e Artes pela Universidade do Estado do Amazonas, professora do curso de Letras no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA, orientadora de projetos de pesquisas sobre literatura infanto-juvenil amazonense do Programa de Apoio a Iniciação Científica (PAIC), E-mail: delmasicsu@bol.com.br

está igualmente relacionado às circunstâncias financeiras, sociais e culturais o que acaba por caracterizar uma desigualdade na qual está inserida boa parte da população. Essa Modalidade de Educação é assegurada pela Constituição Federal (CF), pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) como também lhes é garantido oportunidades educacionais diferenciadas levando em consideração suas condições socioeconômicas, entre outras, uma vez que a maioria trabalha durante o dia para dar o sustento da família e à noite deve ter disposição para as aulas.

Embora esses estudantes contem com a colaboração de mediadores, nesse caso o professor titular da turma, que tem participação ativa no desenvolvimento das atividades desenvolvidas, cabe às autoridades competentes e à comunidade em geral buscar recursos que possam dar suporte para essas pessoas continuarem usufruindo desses direitos, principalmente no que tange à situação financeira e a localização da maioria desses educandos, haja vista, muitos morarem em bairros afastados das escolas. Vale ressaltar que apesar de a escola contar com a presença de vários mediadores (professor, bolsistas do PIBID³, estagiários) tanto para a leitura como para outros fins, neste trabalho, abordamos especificamente a mediação do professor de Língua Portuguesa e Literatura, no que se refere a leitura, compreensão e interpretação de textos literários.

Importante frisar que a literatura está inserida na vida dos educandos da Educação de Jovens e Adultos, muito embora eles não tenham a percepção desses acontecimentos, ela está presente no seu dia a dia através dos contos populares, das lendas, das histórias contadas por seus familiares, por isso a proposta de abordá-la como parte essencial nessa modalidade de educação. Diante do exposto, tem-se como objetivo mostrar como a literatura pode contribuir na formação do leitor competente da Educação de Jovens e Adultos. Em razão a estes questionamentos esta pesquisa insere-se numa perspectiva de ajudar na formulação de novos projetos para as instituições tanto escolares quanto sociais e políticas, buscando respostas que possam contribuir na solução do problema.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS -EJA

A educação é o resultado de uma necessidade social inerente ao homem. Por isso está em constante mudança e dentre essas transformações encontra-se a educação de adultos que incidiu por vários estágios desde a sua implantação, tendo a precisão de se adequar aos estudos da atualidade. Bárcia (1982) cita entre essas modificações o surgimento do Movimento de

³ Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid)

Educação e Base (MEB), em 1964, estruturada pelo Decreto 50.370 de 21/03/1961, que se tratava de uma educação feita através do rádio. A partir de 1965, surge a Cruzada de Ação Básica Cristã (Cruzada ABC) a qual permaneceu até 1969 e trouxe uma baixa considerável no analfabetismo do país, mas não foi o suficiente devido ao alto crescimento populacional.

Em 1970, surge a Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), vinculada ao Movimento da Educação e Cultura (MEC), criado pela Lei 5.379 de 15/12/1967, e iniciou suas atividades no dia 08/09/1970, dia considerado como “Dia Internacional da Alfabetização”. O MOBRAL foi o programa de educação de adultos que mais recebeu contribuições para o seu desenvolvimento e sua meta era reduzir o analfabetismo a 10% até 1980, no entanto, não deu certo por falta de organização na distribuição dos recursos.

E sobre a metodologia do MOBRAL, Martins (2006) enfatiza o modelo mecanicista, onde o saber ler se limitava ao método de decodificar e decorar, a autora ainda menciona “nenhuma metodologia de alfabetização” será bem sucedida tendo esse aspecto do ler por ler, ou ainda aquele em que os educadores são os donos do saber e os educandos meros aprendizes, pois se nada sabem ficam incumbidos de receber ensinamentos na maioria das vezes relacionados aos livros didáticos (LD), dificultando o aprendizado e uma proximidade entre professores e alunos para poderem manipular leituras que pudessem despertar no aluno o interesse verdadeiro pela leitura.

Então pela Lei n° 5.692/71 de 11/08/1971, a educação de adultos foi reconhecida como Ensino Supletivo. Bárcia menciona que esse termo acarreta uma modificação não apenas em relação a suplência a qual designava como suprimento de algumas necessidades escolares não realizadas na idade própria. Isso se dava devido à necessidade de aperfeiçoamento nos trabalhos a serem realizados e também a interação das nações consideradas desenvolvidas com os países avaliados por seu desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

Benvenuti (2012) enfatiza a continuidade da educação de adultos a partir da anulação da Lei n° 5.692/1971, para entrar em vigor a Lei n° 9.394, de 20 de dezembro de 1996, explicitando a substituição do Ensino Supletivo para o surgimento da Educação de Jovens e Adultos. A autora enfatiza que essa modalidade de educação garante uma abrangência maior em relação à qualificação tanto em termos educacionais como em outras áreas profissionais.

Além disso, a autora menciona também as três funções da EJA: a **reparadora** está relacionada ao direito dos jovens e adultos em usufruírem de uma educação de qualidade; a **equalizadora** menciona a preparação para que esses jovens e adultos sejam inseridos na sociedade com igualdade de oportunidades; a **qualificadora** equivale a educação permanente

de forma que seu desenvolvimento ocorra dentro e fora da escola, uma vez que se trata de qualidade de vida incluindo os idosos.

Nesse contexto, observa-se a necessidade da continuidade dessa Modalidade de Educação, porque dela poderá nascer múltiplas oportunidades na qualidade de vida do cidadão, mas para isso, deve haver mais compromisso tanto dos órgãos envolvidos como também da sociedade em geral, uma vez que somente dessa maneira a emancipação da humanidade se concretizará de fato, pois o que mais dificulta essa demanda, como mencionado anteriormente, é a situação socioeconômica das pessoas que dela fazem parte, o que às vezes acaba configurando novamente no abandono escolar, ou no analfabetismo funcional devido ao período reduzido da escolarização desses educandos, e o pouco incentivo para que essas pessoas adquiram o interesse de continuar a exercitar a leitura e a escrita tanto no que se refere ao seu dia a dia como informações sobre a sociedade, como mencionado por Soares (2006).

As pessoas se alfabetizam, aprendem a ler e escrever, mas não necessariamente incorporam a prática da leitura e da escrita [...]: não leem livros, jornais, revistas, não sabem redigir um ofício, um requerimento [...] não conseguem encontrar informações [...], num contrato de trabalho, numa conta de luz [...] (SOARES, 2006, p. 45-46).

A autora ressalta a diferença entre alfabetização e letramento: alfabetização é “ação de ensinar/aprender a ler e escrever”. Enquanto letramento é “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita”. Para Soares, “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse, ao mesmo tempo, alfabetizado e letrado” (SOARES, 2006, p. 47).

No mesmo contexto, Gomes (2011) ressalta as metas nacionais conforme o Plano Nacional de Educação (PNE), e as metas internacionais que garantem “a alfabetização e a educação de adultos” dando suporte para alcançar o objetivo de alçar a escolaridade da população de acordo com o seu contexto social e a aprendizagem ao longo da vida. A autora reconhece as diferenças quando se trata desse desenvolvimento devido o estabelecimento de categorias que são impostas através das desigualdades que interferem na escolaridade da população brasileira. E no que se refere à literatura, a situação é mais agravante porque requer de docentes e discentes mais tempo em sala de aula e isso não ocorre nas escolas.

Conforme O Marco de Ação de Dakar, esse é um compromisso coletivo, no qual os governantes são obrigados a cumprir e manter os objetivos e as metas da Educação para Todos

(EPT), pois é responsabilidade de cada país envolvido nesse processo procurar parcerias e apoio “com agências e instituições regionais e internacionais”. Para que essas finalidades sejam alcançadas e mantidas, esse compromisso traz a reafirmação da Declaração Mundial de EPT (Jontiem1990) com apoio da Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), a qual trata além dos direitos da criança, do direito dos jovens e adultos por uma educação de qualidade, o que inclui “aprender a aprender, a fazer, a conviver e a ser” (EPT, 2001, p. 08). Direitos esses mencionados como compromisso da década de 90, através da Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFINTEA) de 1997, pois é dessa forma que decorre a capacidade, o desenvolvimento e a personalidade das pessoas, podendo assim transformar a si próprio e a sociedade onde vivem.

Ainda que a Educação de Jovens e Adultos tenha direitos adquiridos tanto na Declaração dos Direitos Humanos, na Organização das Nações Unidas (ONU), 1948 no artigo XXVI, como na Constituição Brasileira de 1988, proporcionando educação e qualidade de vida entre outros aspectos para todos inclusive aos trabalhadores, as condições relacionadas a essa Modalidade de Educação desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio ainda deixam muito a desejar. Desse modo, cabe uma melhor organização no que se refere aos recursos e investimentos como também as metas destinados a esse processo educacional, visto que essa educação não se restringe somente ao Brasil, mais a vários países.

Pode se verificar esse pressuposto a partir das CONFINTEAS ocorridas, inicialmente, na América Ocidental representada em Hamburgo e, posteriormente, na América Latina em Belém-PA (Brasil), onde o ponto de partida deveria ser o direito à educação e em Hamburgo claramente especificada à educação de adultos, no entanto, Ireland diz ser preocupante que as CONFINTEAS ao estabelecerem acordo mundial sobre a educação de adultos, vá se dispersando a outros fins, não menos importante, mas que deveriam ser realizadas em outras conferências em particular. “Cada conferência chegou a acordar sobre questões específicas num novo espírito de cooperação e propósito globais e, ao mesmo tempo buscam articular seus temas e planos de ação aos das outras conferências de uma forma deliberada” (IRELAND, 2009, p. 46).

O autor enfatiza dois pontos importantes que interessam à educação de adultos: “a abrangência do ‘todos’ na chamada educação para todos” e “a amplitude do conceito de educação”. Nesse contexto o autor lança a seguinte pergunta – “educação se refere à escolaridade ou ao processo de aprendizagem ao longo da vida?” (IRELAND, 2009, p. 47). Isso

nos leva a refletir sobre a forma como está a educação, principalmente a educação de jovens e adultos.

Na Declaração de Hamburgo realizada em Hamburgo na Alemanha, houve a consideração “sobre a educação continuada de adultos [...] disponível numa sociedade multicultural” e as disparidades “nos sistemas políticos, econômicos e sociais” dos países que fazem parte dessa organização, o que reforça a responsabilidade sobre “os direitos humanos e as liberdades individuais [...] e a educação continuada por toda vida” (CONFINTEA, 1999, p. 19-21).

Ainda nesse contexto, a Declaração de Hamburgo destaca outras conferências realizadas anteriormente, do mesmo modo imprescindíveis para o avanço da educação de adultos. Vale ressaltar que nessa busca a (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) UNESCO, desde 1976, vem colaborando com a ampliação no que se refere a essa Modalidade de Educação.

A I Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (Elsinor, Dinamarca, 1949), Conferência de Montreal (1960), Tóquio (1972), Paris (1985). O Relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação, presidido por Edgar Foure, elaborado em 1972, sobre o título ‘Aprender a ser’, a educação do futuro e a decisiva Recomendação da UNESCO, de 1976, sobre o desenvolvimento da educação de adultos, destacando o papel vital que essa tem como elemento de educação permanente, [...] (CONFINTEA, 1999, p. 30).

Como mencionado no Marco de Ação de Dakar (2001), no Fórum Mundial de Educação de Dakar, nas Cinco Conferências Regionais de EPT é demonstrado o compromisso dos países envolvidos nesse processo de educação. Tais Conferências foram realizadas em “(África Subsaariana, Joanesburgo; Ásia e Pacífico, Bangkok; Países Árabes e África do Norte, Cairo; América e Caribe, Santo Domingos; América do Norte, Varsóvia; e Brasil (Recife)”. No entanto, a análise de Jontiem mostra que ainda falta muito para se alcançar todos os objetivos desejados, principalmente quando se refere à educação de adultos, devido a várias causas inclusive o descaso público.

Di Pierro enfatiza que ao se tratar das metas para a EJA, faz-se necessário uma reavaliação dos projetos apresentados, devido às falhas das políticas públicas em relação à “superação do analfabetismo mencionado na Constituição Federal e nos compromissos assumidos pelo país em fóruns internacionais” (DI PIERRO, 2010, p. 940), nos quais tratavam a educação como um direito de todos.

A autora menciona, nos acordos internacionais e na legislação nacional, podemos acreditar que todos têm os mesmos direitos em relação a educação, independentemente da idade, pois a formação é contínua, percorre toda a existência. No entanto, quando vemos na prática as políticas educacionais da Educação de Jovens e Adultos observamos o quão são tratadas com menor empenho em comparação a outros níveis de ensino e idade dos educandos.

A LITERATURA NA FORMAÇÃO DO ALUNO LEITOR

Por fazer parte do cotidiano dos indivíduos, a Literatura, seja ela oral ou escrita, está inteiramente relacionada com a sua formação. Isso ocorre a partir do seu conhecimento com as histórias contadas por seus familiares, sejam elas de cunho mítico ou de seus antepassados. Eagleton (2001) enfatiza a compreensão e a interpretação dos escritos de um autor a partir do conhecimento apresentado pelo leitor sobre a obra, com isso passa a construir um diálogo entre o passado e o presente, tendo opiniões sobre o que foi lido, pois a cada leitura ainda que, da mesma obra, as compreensões passam a se modificar e se tem uma reconstrução diferente. Não existe presente sem passado e dessa forma passa-se a conhecer suas peripécias e o quanto elas trazem significação e sentido para os dias atuais.

Assim, os fatos vão se transformando sucessivamente. Não existe texto e nem literatura sem a presença do leitor, uma vez que é a partir das leituras feitas por ele que os textos literários se propagam e engrandecem os autores. É a compreensão do leitor que dá vivacidade a obra através de suas proposições e das várias instruções repassadas a ele para desvendar as dúvidas que precisam ser reveladas e preenchidas conforme a sua interpretação, a partir de diferentes contextos.

Aquilo que a obra nos “diz” dependerá, por sua vez, do tipo de perguntas que somos capazes de lhe fazer, dependerá do nosso ponto de vista na história. [...], pois a obra é também um diálogo com a sua própria história. [...].

O leitor estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições [...]. O texto, em si, realmente não passa de uma série de “dicas” para o leitor, [...]. Sem essa constante participação ativa do leitor, não haveria obra literária (EAGLETON, 2001, p. 99-105).

Eco, nos fala do “leitor-modelo”, o qual ele chama de “tipo ideal”, pois esse leitor tem a capacidade de ir além da leitura do texto, ou seja, ele se coloca como criador de uma nova história porque consegue perceber os espaços oferecidos a ele pelo autor. O leitor está apto a descobrir as vivências do presente através do passado e buscar o futuro, visto que um livro é oferecido ao leitor como um “bosque”, possuidor de diversas passagens que precisam ser

percorridas através da imaginação, dando a ele novos horizontes. Dessa forma, a leitura passa a ser reconhecida e está pronta para ser apreciada por todos que fizeram o percurso, dando ao leitor possibilidades de reflexão visto que, nesta caminhada não existem fronteiras e um único texto pode trazer inúmeras elucidações e diversas concepções. De certo modo, o autor vai deixando rastros que devem ser compreendidos pelo leitor. Por isso ele deve ficar atento, pois pode aparecer ambiguidades que certamente será desvendada pelo leitor-modelo.

[...] Esse tipo de espectador (ou de leitor, no caso de um livro) é o que eu chamo de leitor-modelo-uma espécie de tipo ideal que o texto não só prevê como colaborador, mas ainda procura criar. Ao caminhar pelo bosque, posso muito bem utilizar cada experiência e cada descoberta para aprender mais sobre a vida, sobre o passado e o futuro. [...] (ECO, 1994, p. 15-16).

Todo leitor com determinação, está apto a ser um leitor-modelo porque, certamente, ele não vai ficar apenas na expectativa dos acontecimentos, do que já está exposto nos escritos, mas parte em busca do novo, aproveitando as entrelinhas que estão a seu dispor para desvendar os mistérios colocados pelo autor, cabe ao leitor se fazer o tipo ideal procurando um significado para cada leitura que estiver ao seu alcance.

Vale ressaltar, nesse momento, a presença do professor-mediador como uma personalidade muito importante e, de certa forma, indispensável no que tange a colaboração, ao entendimento e a forma de análises das quais precisam os textos, e nestes estão inclusos os textos literários como imprescindíveis na formação do aluno-leitor.

A IMPORTÂNCIA DO MEDIADOR PARA A COMPREENSÃO DO ALUNO-LEITOR NOS TEXTOS LITERÁRIOS

Os textos literários estão presentes na vida dos alunos através de histórias ouvidas desde a infância. Cabe aos educadores-mediadores o incentivo maior para que esse interesse continue na idade adulta e em particular no que diz respeito aos alunos da Educação de Jovens e Adultos.

O aluno leitor nem sempre compreende o significado das palavras existentes nas obras literárias, visto que o período em que o texto foi escrito não faz parte do cotidiano desse educando, e a maioria das obras lidas nas escolas são de séculos passados. A linguagem é outra, ignorada por esse aluno e embora busque no dicionário o significado do que lhe é desconhecido é de suma importância a participação do professor-mediador para dar esclarecimentos sobre determinadas palavras, ou expressões contidas no texto. Vinhais (2009) sugere que o professor passe a intermediar e esclarecer ao aluno qual o propósito da leitura, devendo também estar

aberto ao diálogo com o aluno e não apenas julgar a boa ou a má leitura para que o entrosamento do aluno-leitor com o texto literário tenha melhor interpretação e análise crítica.

Os sentidos das palavras variam de acordo com os sujeitos que as usam em diferentes discursos, não havendo, desse modo sentido literal. [...]. Portanto, muitas vezes para que o aluno - leitor atribua sentido ao texto lido, além do dicionário, se faz necessário, na prática da leitura, que o professor (ou mesmo o livro didático) discuta com o aluno, [...]. A passagem do tempo e o dinamismo da língua, que está sempre mudando, [...], estabelecem, portanto, uma grande distância entre a linguagem utilizada pelo aluno [...]. O professor não pode emitir julgamento sobre o que é uma boa leitura, mas considerar a sua experiência junto com a do aluno (VINHAIS, 2009, p. 17-24).

A plurissignificação das palavras, ao mesmo tempo em que dificulta o entendimento do educando, abre inúmeras possibilidades para a criação de novos textos, e devido a esses problemas encontrados pelos alunos para a compreensão da leitura, é necessário que o professor-mediador faça uma abordagem sobre os sentidos das expressões contidas nos textos literários. Desse modo educador e educando terão o compromisso no que tange à realização de uma leitura crítica e proveitosa. Com isso, o professor como mediador estará incentivando o aluno a se descobrir como sujeito e a buscar conhecimentos por si mesmo. Essa autonomia tornará esse educando mais consciente dos seus atos.

Estamos num mundo onde todos precisam simultaneamente uns dos outros e na relação educandos e educadores o caso não é diferente. No entanto, para isso acontecer de forma compreensiva deve haver a humildade estabelecida num conjunto de fatores que levem o docente a se fazer necessário perante o discente, ou seja, é importante o reconhecimento dos saberes dos alunos por parte dos professores-mediadores, suas opiniões precisam ser ouvidas e respeitadas. Ao educador não cabe ser o dono absoluto da verdade, mas o mediador entre esses alunos e os conhecimentos que se fazem imprescindíveis a sua vida escolar e cotidiana, mas que ocorrem de maneiras diferenciadas. Como enfatiza Freire.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros [...].

Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, [...].

Temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos - não importam quem sejam - estão tendo de sua própria realidade. Impor a eles a nossa compreensão em nome se sua libertação é aceitar soluções autoritárias como caminhos de liberdade (FREIRE, 2009, p. 26-27).

Fazemos parte deste universo, portanto, estamos constantemente em contato com as outras pessoas e no que se refere a educação, deve haver por parte do professor-mediador a capacidade de saber ouvir as necessidades do aluno, e também de orientá-lo de acordo com suas

especificidades, pois sabe-se que o aprendizado decorre em diferentes estágios de um aluno para outro.

Neste contexto, vimos o quão se faz necessário a colaboração do professor–mediador para a construção da compreensão de um texto, pois a partir de uma boa orientação, é possível o aluno conseguir chegar à culminância desejada que é a interpretação do texto literário.

A LEITURA LITERÁRIA NA EJA

A leitura literária está, de certa forma, relacionada às experiências que os leitores vivenciam, mas ela vai além de uma simples leitura ou conhecimento de mundo, pois muitas vezes o período no qual foi organizado a obra, está fora do contexto desses educandos. Esse fato é um acontecimento muito frequente na Educação de Jovens e Adultos.

A leitura tem uma interatividade complexa, pois traz consigo vários sentidos, desde os escritos do autor, as formas linguísticas do texto e a interpretação do leitor. Assim, um texto apresenta uma infinidade de saberes comunicativos dos quais o leitor deve fazer parte, haja vista estarem presentes na leitura as experiências e os conhecimentos que estão na memória do leitor, seja sobre a língua, ou outros textos, diversidades de gêneros, conhecimento de mundo, entre outros conhecimentos, devendo-se ainda levar em conta as diferenças existentes nos valores socioeconômicos, culturais, de uma pessoa para outra. Para Koch (2006), o leitor é quem determina os objetivos da leitura. Mas isso depende da interação existente entre o texto e quem o lê, a partir do tipo de leitura inserida, uma vez que, existem variedades de textos que podem ser apresentados ou vistos casualmente, como é o caso dos outdoors, cartazes, faixas, entre outros, não podendo esquecer que uma leitura para ser boa e com sentido deve obedecer as suas sinalizações textuais.

A leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor. [...], a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada também pela intenção com que lemos o texto, pelos objetivos da leitura. [...]. São, pois, os objetivos do leitor que nortearão o modo de leitura, [...] (KOCH, 2006, p. 11-19).

O autor ao escrever uma obra dá-lhe um sentido de acordo com o acontecimento, seja de um dado momento ou de determinada época, mas isso não define uma única compreensão do texto, haja vista que, ao ler esse texto, os leitores podem estar em épocas diferentes, portanto, terão entendimentos diversos. O leitor não pode distorcer os fatos considerados no texto, pois as interpretações são suas, mas as atitudes e os pensamentos inseridos na obra pertencem ao

autor. “As significações variam ao longo da história, ao passo que os sentidos permanecem constantes; os autores dão sentido às suas obras ao passo que os leitores lhes atribuem significações” (EAGLETON, 2001, p. 92).

No que se refere à leitura de textos, por estar inserida como exigência em todas as disciplinas escolares desde a alfabetização, perdurando por todo período de escolaridade, uma vez que essa atividade é um ponto fundamental na educação, pois é a partir dela que os alunos passam a compreender o significado das mensagens por meio da escrita, a escola torna-se primordial nessa busca do ler e escrever e, o professor ao selecionar textos para trabalhar em sala de aula torna-se o mediador e portanto, o responsável pelo bom desempenho do aluno, formando leitores capacitados a desenvolver leituras de qualquer nível ou gênero. Neste contexto, Silva (2005) faz uma ressalva em relação à leitura quando diz que a responsabilidade deveria ser de todo corpo docente da escola, mas recai somente nos professores de Português.

As atividades de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais das sociedades letradas [...], os respectivos professores são, implícita ou explicitamente, orientadores da leitura. [...]. Porém, por razões diversas, a responsabilidade pela orientação da leitura e pela formação do aluno - leitor é deixada sempre aos alfabetizadores e aos professores de Comunicação e Expressão. Assim se os alunos não aprendem a ler e se existe uma crise de leitura na escola brasileira, a culpa não é do corpo docente como um todo, mas somente dos professores de Português (SILVA, 2005, p. 31-34).

A leitura é o ponto crucial de todos os ensinamentos; sem ela, determinados problemas dificilmente podem ser resolvidos. Sabe-se que o ato de ler não acontece somente através da escrita, mas de todo e qualquer objeto ou imagem que possa ser descrito. No entanto, para isso acontecer é preciso a compreensão, e quando se trata da leitura de um texto o caso não é diferente. Nesse momento faz-se necessário a presença de um mediador, em especial do professor de Português e diante desse contexto também estão as abordagens às leituras dos textos literários, pois fazem parte dos estudos indispensáveis a todos os níveis de ensino e modalidade nos quais estão inseridos os discentes da Educação de Jovens e Adultos.

METODOLOGIA

O objeto deste trabalho foi a Literatura na Educação de Jovens e Adultos – EJA, abordando a relação entre o texto, o educando e o educador. Realizou-se, assim uma pesquisa de natureza qualitativa por meio de leituras, considerando os estudos de teóricos e também de órgãos institucionais que tratam sobre o assunto em questão. Os teóricos contribuíram em vários contextos relevantes no que se refere às propostas inseridas e no bom desenvolvimento da

atividade. Entre ele estão Soares (2006); Chizzotti (2006); Eagleton (2001); PNE; PCN e outros que colaboraram consideravelmente para o desenvolvimento desta pesquisa.

De acordo com Triviños, a pesquisa de natureza qualitativa trouxe um avanço considerável ao ensino, por proporcionar “alternativas metodológicas” e diversas perspectivas de entendimento propondo melhorias às pesquisas em educação, opondo-se às atitudes tradicionais que utilizavam os mesmos princípios e métodos tanto para as ciências humanas quanto para as ciências naturais (TRIVIÑOS, 2015, p.116).

O tipo de pesquisa trabalhado foi a pesquisa bibliográfica por expor a colaboração de teóricos em vários aspectos relacionados a este trabalho e de campo, haja vista que foi-se a campo para verificar o teor da proposta, afim de focalizar como eram realizadas suas leituras e interpretações de textos no que tange as obras literárias, embora essas atividades fossem pouco desenvolvidas nas salas de aula devido à distribuição dos horários das Disciplinas. Vale ressaltar a proposta em consonância com características vivenciadas no cotidiano dos alunos, tendo como objetivo obter dados a respeito da compreensão dos alunos sobre literatura. Chizzotti (2006), define o trabalho de campo como uma reunião e organização de informações que devem ser verdadeiras, podendo haver uma negociação com as partes para se realizar um bom trabalho.

Assim, diante do contexto da pesquisa tomou-se o estudo de caso observacional como método de procedimento, por ter sido realizado numa sala de aula de uma instituição escolar com a finalidade de observar como eram realizadas a leitura e a interpretação de textos literários dos alunos da EJA - 1º ano do ensino médio - etapa única. Conforme explicita Triviños (2015),

Estudos de casos observacionais.

Esta é uma categoria típica, poderíamos dizer, de pesquisa qualitativa. [...]. O foco do exame pode ser uma escola, um clube, [...]. Agora não é a organização como um todo o que interessa, senão uma parte dela. Neste sentido, podem ser objeto de observação participante aspectos como os seguintes

O trabalho que realiza numa sala de aula de uma escola, um grupo de professores que está aplicando novos métodos de ensino [...] (TRIVIÑOS, 2015, p. 135).

Utilizou-se o método de abordagem dialético por se tratar de uma averiguação onde há uma relação no processo de conhecimento entre o sujeito e o objeto e as contradições existentes sobre as temáticas abordadas por esses sujeitos são valorizadas, de modo que o pesquisador vai dialogar o seu ponto de vista com os aspectos relacionados aos assuntos acerca dos pontos de vista dos sujeitos pesquisados, levando-se em conta que cada um tem opinião diferente do outro. Conforme afirma Chizzotti: “A dialética também insiste na relação dinâmica entre o sujeito e o objeto, no processo de conhecimento. [...]. Valoriza a contradição dinâmica do fato observado

e a atividade criadora do sujeito [...] entre o todo e a parte e os vínculos do saber e do agir com a vida social dos homens (CHIZZOTTI, 2006, p. 80).

A técnica usada nesta investigação foi a pesquisa de campo, uma vez que se pretendia adquirir informações que viessem subsidiar o trabalho em questão. O Campo de pesquisa foi uma Escola Estadual no município de Parintins-Am. Com o cód. MEC; 13.043.811; decreto nº 4870 de 24/03/1980. Entidade Mantenedora: SEDUC; Nível e Modalidade de Ensino: Ensino Fundamental II (6º ao 9º) ano; EJA-Educação de Jovens e Adultos- Ensino Médio- etapa única; Educação Especial. Tem como principal finalidade o desenvolvimento intelectual, moral, religioso e democrático com vista à verdadeira autonomia do educando, para o pleno exercício da sua cidadania. Com 08 salas de aula atende uma demanda de aproximadamente 830 alunos distribuídos nos turnos: matutino, vespertino e noturno. Compõe-se de um excelente quadro de funcionários, trabalhando em consonância com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN).

Neste trabalho empregou-se como instrumento de pesquisa um questionário para a professora responsável pela Disciplina e um questionário e duas oficinas de leitura aplicados simultaneamente aos alunos do 1º ano do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos, com o intuito de verificar como eram efetivadas as leituras e os trabalhos com textos literários nas salas de aula e, se eram realizadas oficinas de leitura e quais incentivos eram oferecidos para esses educandos.

Os sujeitos dessa investigação foram alunos do 1º ano da Educação de Jovens e adultos do Ensino Médio, pessoas com uma faixa etária diversificada entre dezoito a sessenta anos de idade, sendo a maioria do sexo feminino, trazendo consigo um leque de conhecimento de mundo, os quais devem ser utilizados no ambiente escolar, pois são assegurados pela LDB. “Os conhecimentos e habilidades adquiridos pelos educandos por meios informais serão oferecidos e reconhecidos [...]”, (LDB, art. 38, § 2º) estando, portanto, em consonância com a BNCC.

O objeto de estudo foi a leitura e a interpretação de textos literários que foram investigados a partir da realidade desses educandos uma vez que, conforme enfatizam Soares e Paiva (2014), nessa fase a leitura literária é muito complexa e necessita de mediador e de vários mecanismos que incitem o desejo do aluno em conhecer os textos compreendidos como literários. “Todo o trabalho com o livro de literatura, se feito de maneira adequada, deve despertar o gosto pela leitura e o interesse por livros, e ainda contribuir consideravelmente para a inserção no mundo da escrita e da literatura de jovens e adultos [...]” (SOARES e PAIVA, 2014, p. 14).

De acordo com Pinto (2007), “a educação é um fenômeno cultural”, haja vista ser através dela que o indivíduo tem acesso a todos os meios culturais existentes. Com isso, reforça-se que o saber torna-se o ponto transmissor e consciente da cultura expressa pela linguagem. Nesse contexto, observa-se que o saber faz parte da vida e do cotidiano das pessoas, pois independentemente de serem letrados ou iletrados, a transmissão desses saberes ocorrem pela prática social, pela oralidade e isso denota educação. O que demonstra a existência desses saberes na Educação de Jovens e Adultos.

A LITERATURA SOB A ÓTICA DOS ALUNOS DA EJA

Após uma conversa informal com a turma, onde o assunto proposto foi a respeito das causas que os levaram a parar de estudar, suas respostas foram quase unânimes em afirmar que, dentre outros aspectos, estão a situação socioeconômica, as repetências, e o retorno das famílias para as comunidades de origem. Outro fator que influencia é o longo período longe das salas de aula, fazendo com que o indivíduo sinta-se desestimulado em voltar para a escola e, muitas vezes esse abandono escolar continua na EJA. Porém, os que acreditam nas perspectivas de melhorias continuam seus estudos; não por acaso teve ex-alunos dessa Modalidade de Educação e da referida Escola que ingressou no curso superior.

Conforme o Relatório de Monitoramento Global de EPT (2008), existe muita dificuldade para monitorar o **objetivo 3** estabelecido em Dakar de “Assegurar que sejam atendidas as necessidades de aprendizado de todos os jovens e adultos através de acesso equitativo a programas apropriados de aprendizagem e de treinamento para a vida” (REL. DE MONIT. DE EPT, 2008, p. 15). E com isso, torna-se complexo o cumprimento da meta instituída para esse objetivo, uma vez que o número de jovens com idade fora da meta do ensino regular continua aumentando consideravelmente, “a população brasileira de 11 a 17 anos somava, [...], número inferior ao de matrículas na educação secundária. [...]. Isso se explica pela existência de grande contingente de alunos acima da idade esperada que ainda se encontra nessa etapa” (REL. DE MONIT. DE EPT, 2008, p. 15).

Podemos inferir, a partir dos dados acima, que a situação relacionada à idade/ano escolar causa inúmeros prejuízos para o aluno, tanto no que se refere aos estudos, como na vida pessoal e social, cabendo ao educando buscar na Educação de Jovens e Adultos uma forma de solucionar suas expectativas, inclusive em relação à vida profissional. Esse caso envolve homens e mulheres conforme especifica o **objetivo 5** do compromisso de Dakar “eliminar as

disparidades de gênero no ensino primário e secundário, alcançando igualdade de gêneros na educação [...]” (REL. DE MONIT. DE EPT, 2008, p. 17).

Depois da conversa informal, foi entregue para a professora da turma duas questões relacionadas à sua atuação como mediadora e as dinâmicas utilizadas com os educandos, no trabalho com a leitura e os textos literários e, um questionário aos respectivos alunos (as) com o intuito de coletar informações acerca da leitura, da literatura e de outros assuntos com a mesma relação. Conforme enfatiza Fonseca, “O questionário, [...] possibilita fazer mensurações (medir) com melhor exatidão o que se deseja. O questionário poderá ser [...], entregue ao respondente [...], poderá ser aplicado simultaneamente ao maior número de indivíduos” (FONSECA, 2010, p. 113). As questões elaboradas para a professora foram as seguintes:

Questão 1: Numa turma de EJA integram-se alunos provenientes de vários grupos sociais e com o aprendizado em vários estágios. Diante dessa complexidade principalmente no que se refere à leitura, a compreensão e interpretação de textos literários, qual a sua atuação como mediadora em relação aos discursos presentes nesses alunos?

A resposta da professora como mediadora atuante na sala de aula foi a seguinte: “Para atender a diversidade da nossa clientela procuramos atividades prazerosas, voltadas para dinamicidade. Textos de diversos gêneros, livros para iniciantes, com reserva de tempo para ler na escola. A atuação deve ser a mais variada por conta da clientela”.

Questão 2: Como educadora-mediadora, qual dinâmica você utiliza para desenvolver o conhecimento do educando a partir dos objetos de estudo: leitura, compreensão e interpretação de texto literário?

Para esse questionamento a professora-mediadora deu a seguinte resposta: “As dinâmicas são as mais variadas, atividades lúdicas, oficinas, rodas de leitura. Textos de diversos gêneros. Apresentações diversas para auxiliar a compreensão dos textos literários”.

De acordo com as respostas fornecidas pela professora responsável pela turma do 1º ano da EJA. Os dados nos mostram que a educadora como mediadora, ao trabalhar com a leitura e os textos literários respeita e aproveita os discursos apresentados pelos educandos incentivando o aprendizado dos mesmos a partir de atividades que contemplam os seus conhecimentos de mundo. Essas atividades ocorrem por meio de dinâmicas variadas, despertando cada vez mais as suas curiosidades e, de acordo com suas necessidade, uma vez que, como iniciantes no Ensino Médio precisam de cuidados especiais em relação aos textos que lhes serão oferecidos, como também ao tempo disponibilizado para essas leituras, que na maioria das vezes precisam

ser realizadas na própria escola. Isso demonstra sua disposição para auxiliar os alunos. Conforme enfatizam Soares e Paiva:

Essa condição variável e múltipla requer o olhar sensível e nuançado para as especificidades de cada fase de formação e também para as peculiaridades das mediações que envolvem cada seguimento da escolaridade. Mediações que acontecem nos espaços e tempos dedicados à leitura na escola.
[...]. Na fase inicial da EJA, a leitura literária ainda conta em grande medida com a mediação de professores [...] leitura compartilhada entre professor e alunos, ou leitura de poemas: atividades que possibilitem a construção de sentidos por aqueles que ainda não dominam a leitura autônoma, ou por aquele leitor que já pode ler sozinho, mas ainda depende da orientação de mediadores (SOARES e PAIVA, 2014, p. 13-14).

O questionário dos alunos foi elaborado com sete questões e estavam presentes na sala, durante a aplicação, dezesseis discentes: quatro homens e doze mulheres. O quantitativo de alunos que respondeu o questionário indica que o **objetivo 5** do compromisso de Dakar mencionado anteriormente foi alcançado, pois o número de mulheres que participam das aulas na Modalidade EJA é superior ao número de participantes homens. Quanto às perguntas do questionário, cinco discentes não responderam nenhuma questão. Vale ressaltar que as respostas tanto da professora quanto dos alunos foram transcritas conforme eles escreveram, ou seja, a pesquisadora não interferiu na ortografia e em nenhum outro aspecto das alternativas respondidas para manter a legitimidade das respostas por eles mencionadas. Lançou-se assim as seguintes perguntas aos alunos:

Questão 1: **Qual o histórico de leitura em sua família?** A referida pergunta questiona, se no contexto familiar há o estímulo para prática da leitura. Verificou-se por meio das respostas dos alunos que há pouco ou nenhum incentivo familiar em relação à leitura. Nessa questão, dois alunos não deram respostas; quatro não falaram do assunto e uma das respostas foi: “O bom desempenho e um influencia para ler e ter abito de ler os livros”; cinco compreenderam e responderam com mais argumentos. Das cinco, duas das respostas foram as seguintes: “Os meus pais não tem o abito da leitura, por isso não incentivaram os filhos a ler”; “Só a minha mãe que gosta de ler e incentiva com certeza a todos nós a ler”.

A partir das respostas acima, percebe-se que a questão familiar é fundamental na formação do aluno leitor, embora esta não seja a única condição para essa prática se concretizar, visto que a escola também oferece uma base para que essa atividade seja realizada. Além disso, esses suportes também são encontrados em outros ambientes, tanto fora da família como da escola. Com essa informação, entendeu-se que, além da falta de incentivo da família para se consolidar o ato da leitura, falta também o interesse dos próprios alunos uma vez que são jovens e adultos e podem procurar meios para desenvolver essa prática.

Questão 2: Para você, qual a importância da leitura? A pergunta tem uma relação com a primeira questão. Devido não haver esse hábito entre eles, alguns assumem o desinteresse, dizendo não gostar de ler. Porém, a maioria dos estudantes acreditam que a leitura é de suma importância, não apenas no âmbito escolar, mas principalmente na vida fora da escola. Nas respostas dessa questão, dez estavam de acordo com o contexto, a exemplo da resposta seguinte: “A leitura é importante para adquirirmos conhecimentos para o nosso dia a dia”. Apenas uma resposta fugiu do foco ao tratar especificamente da literatura e não da leitura em geral. “Trazer conhecimento é a importância da literatura”.

Com isso, percebeu-se que o problema de os alunos não gostarem de ler não está na professora, mas nos próprios discentes. Então, esse dado nos mostra que a questão da leitura na escola não depende só do trabalho da docente, mas também do ambiente de letramento na família. Os dados referentes a essa questão, nos levam a entender que isso não será resolvido de imediato, mas é importante ressaltar que, durante as aulas se percebeu que a professora como mediadora, de fato desenvolvia muitas atividades de leitura, no entanto, alguns educandos não davam muita importância.

Kleiman (2008) menciona que na escola o professor tem o papel importante na mediação entre o leitor e a leitura. Embora muitas vezes ele determine os objetivos a serem alcançados e pareça ser um ato inadequado, esta ação é necessária, pois passa a fazer o elo entre o autor, o leitor e a leitura. Os textos são selecionados pelo professor porque ele é conhecedor dos assuntos, o intermediário e, na sala de aula cabe a ele dar suporte tirando as dúvidas do educando que têm dificuldades de compreensão e interpretação em relação ao texto apresentado.

No contexto escolar, o professor, um dos fatores da ação do contexto imediato no leitor, é também constitutivo do processo. Ele determina, em grande medida, os objetivos da leitura, [...]. Nessa dimensão, a ação do professor não pode ser diluída, e passa a ser constitutiva, portanto, da relação entre autor e leitor, [...] (KLEIMAN, 2008, p. 39-40).

Questão 3: Para você o que é literatura? Lançou-se essa questão a fim de saber qual o entendimento do aluno sobre o que é literatura. De acordo com as respostas, a maioria dos educandos não compreendeu o enunciado da questão. Esse dado é preocupante, uma vez que a professora de Língua Portuguesa e mediadora dessa interação entre o aluno da EJA e os estudos de literatura apesar do pouco tempo disponibilizado para suas aulas, dá o suporte necessário para essa área do conhecimento, onde estão inseridas as competências e habilidades do ensino das artes, inclusive da literatura, pois através dela é possível expressar e gerar significação a uma linguagem a partir do uso das informações por ela transmitida. De acordo com as

orientações dos PCNs (Ensino Médio) em consonância com a LDB disposto na seção IV, Art. 36; Inciso I e a BNCC:

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino.

I – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias;

Um ponto importante a destacar é que um número considerado de alunos confundiu “leitura com literatura”. Embora os dois assuntos se encontrem na mesma vertente a pergunta foi especificamente ao termo “literatura”. Das respostas dadas podemos verificar “A **leitura** é o conhecimento, as pessoas que tem o abito da leitura sabe conversar, escrever e interpretar, dificilmente desiste dos estudos”. Das respostas de acordo com a questão destacamos “É a formação das pessoas na sociedade também é muito importante nas escolas para nós cidadãos nos tornarmos mais cultos”. No entanto, para dois alunos, literatura é apenas ficção. Uma das respostas foi a seguinte “Literatura para mim são os contos fábulas teatros comedias etc”.

Outro dado que nos chamou muito atenção foi o fato de três alunas copiarem as respostas da internet como podemos perceber em uma das respostas: “É uma manifestação do ser humano, representa comunicação, linguagem e criatividade...”

Sabemos o quanto a tecnologia é imprescindível para os estudos na atualidade. No entanto, nesse contexto, pudemos verificar a interferência negativa da internet, pois constatou-se o uso do plágio. Isso é prejudicial na vida escolar dos (as) alunos (as), pois deixam de pensar para tentar compreender o assunto e fazer sua própria análise.

Cosson (2014) enfatiza que para se chegar ao letramento literário é necessário se fazer uma interpretação do que foi lido. A escola como a mediadora desse entendimento tem o educador para intermediar o aluno-leitor ao texto literário. A leitura literária não termina entre autor e leitor; seu sentido também está inserido com a sociedade a qual pertence, posto que as acepções resultem das percepções do mundo entre os indivíduos no tempo e no espaço. Desse modo, uma leitura literária significativa contempla a multiplicidade de leituras, compreensão, interpretação e produção de sentidos. O ato de ler pode ser individual, mas a compreensão crítica é social, por envolver vários aspectos relacionados com o mundo e a sociedade, pois:

[...]. O que os fazem falar são os mecanismos de interpretação que usamos, e grande parte deles são aprendidos na escola. [...]. No ambiente escolar, a literatura é um lócus de conhecimento e para que funcione como tal, convém ser explorada de maneira adequada. [...].

O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos o sentido do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário (COSSON, 2014, p. 26-27).

Questão 4: Como você identifica um texto literário? Procurou-se saber nessa questão, se o aluno sabe diferenciar o texto literário do não literário. Dos alunos participantes, oito conseguiram explicar a questão; três não deram respostas. Dos oito que responderam, um deu a seguinte resposta: “Através de fatos que apresenta no texto”; dois alunos compreenderam o texto literário apenas como ficção como se pode perceber nas respostas a seguir: “O texto literário é aquele que não é real é só ficção”; “Porque o texto literário é ficcional não conta caso reais”.

As referidas respostas denotam que a professora de Língua Portuguesa atuante como mediadora vem dando a devida atenção para atender as necessidades dos alunos no que concerne sobre a responsabilidade e o cuidado ao selecionar os textos literários para serem trabalhados nas salas de aula. Vale ressaltar que a seleção desses textos é realizada de acordo com as expectativas dos alunos e a partir da função e do uso das linguagens para que se possa chegar às análises, não apenas com o intuito avaliativo, mas com deleite ao ler as obras, para que fique algo prazeroso em sua lembrança. Segundo Cademartori, “os livros inesquecíveis, aqueles que nos causam impactos na juventude, e ainda nos reservam prazer e surpresas ao serem relidos muitos anos depois, fizeram parte de nossa formação de conceitos, ordenaram certas vivências, mas sobretudo nos fascinaram” (CADEMARTORI, 2012, p. 84).

Como sabemos, o aprendizado varia de pessoa para pessoa e mesmo que se trate de jovens e adultos cada um tem o seu tempo e a sua maneira de aprender. Com isso, como mencionado anteriormente, para alguns alunos, os textos literários representam apenas ficção, o que não impede a comprovação que de alguma forma estão conseguindo assimilar o conteúdo. Melo e Souza enfatiza que “no homem de hoje, perduram lado a lado o mágico e o lógico, fazendo ver que, ao menos sob este aspecto a mentalidade de todos os homens tem a mesma base essencial” (MELO e SOUZA, 2000, p. 43).

Questão 5: Na sua opinião, para que servem os conhecimentos literários? Com esse questionamento verificou-se a opinião dos discentes a respeito das utilidades da literatura. Nessa questão faltou a atenção nas perguntas por parte de determinados alunos. Os dados colhidos mostraram que alguns argumentos não estavam de acordo com a pergunta feita. Importante destacar que três discentes não responderam. Das perguntas respondidas, destacamos as seguintes: “Através dos conhecimentos literários falamos e escrevemos melhor”;

“É, portanto preservar uma quantidade impressionante de textos literários e de documentos de toda espécie”; “Para sabemos as histórias de épocas e como tudo literários temos conhecimento como artes, gêneros, dramas etc”. Ao observar as respostas desses discentes pudemos constatar o quão se faz necessário o aprimoramento da leitura para melhorar o seu desempenho tanto para transcrever suas ideias como para desenvolver o seu pensamento crítico.

Questão 6: Para você, qual a importância do professor no trabalho com os textos literários? Estava relacionado a essa pergunta, a influência do professor-mediador na compreensão dessas informações para o aprendizado do aluno. Nesse questionamento, quatro alunos não responderam; oito deram respostas relevantes mesmo que falte um pouco de clareza para a compreensão de quem lê os seus posicionamentos. Entre as respostas destacamos: “Para mim, a importância do professor em sala dando trabalhos literários e, muito bom para o conhecimentos, pra que nós possamos aprender mais sobre textos literários, e isso ajuda muito pra quem gosta de ler”. Pode se notar um bom relacionamento entre os alunos e a professora que está de certa forma envolvida tanto na experiência do cotidiano individual como social. Embora estes não consigam transcrever com perceptibilidade suas respostas sobre a importância colaborativa que a professora-mediadora tem ao acompanhamento nas aulas de literatura e conseqüentemente aos textos literários, e apesar dos problemas de ordem social, enfrentados por esses educandos, percebemos o valor inferido por eles à docente. Conforme enfatiza Wielewicki:

Para uma educação crítica é necessário que professores e alunos sejam vistos como agentes, [...], ou seja, pressupõe uma auto-reflexão sobre a experiência e a história pessoais e sociais, envolvendo pensamento crítico e ação.
[...] que satisfaça nossa necessidade de compreensão e análise do fenômeno social que se dá na aula de literatura, [...] (WIELEWICKI, 2008, p.32).

Questão 7: Qual a influência da literatura para sua vida cotidiana e da sociedade com todo? A última abordagem mencionava o que de fato acontece com a literatura em relação à vivência do ser humano. Esta questão está atrelada à quinta e nesse contexto vimos como a falta de leitura dificulta muito o entendimento dos educandos, embora as perguntas estivessem vinculadas ao seu cotidiano. Além dos cinco que deixaram de responder todas as questões, três alunos não responderam a sétima pergunta; cinco desviaram o foco da questão, como se pode perceber em uma das respostas: “importante por que agente tem literários no nosso dia a dia”; e três responderam às expectativas. Das quais destacamos a seguinte: “A literatura tem influência, pois aprendemos ter criatividade, aprender se comunicar melhor com as pessoas e

sabermos nos expressar com a sociedade e ter conhecimento sobre o mundo, a ficção e a realidade”.

Os dados nos mostram que ainda falta muito para se chegar ao cume do aprendizado desejado sobre literatura. Acreditamos que com os trabalhos realizados nas salas de aula, o interesse dos alunos, a intensa colaboração dos professores-mediadores e esses saberes presentes no dia a dia desses educandos, uma vez que são repassados de uma geração para outra, poderemos sim adquirir essa habilidade na compreensão literária. Como menciona Cândido: “Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e, em consequência, mais capazes de organizar a visão que temos do mundo” (CANDIDO, 2011, p. 179).

Percebe-se que no contexto geral deste questionário, somente uma aluna respondeu a todas as questões com perspicácia, apesar de a maioria ter mostrado interesse pelo assunto proposto. Isso demonstra o maior desafio encontrado pelos Professores de Língua Portuguesa e pelos alunos, principalmente os que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos, embora esses educandos tragam consigo um vasto conhecimento de mundo. Chizzotti (2010) enfatiza que isso não é suficiente para uma reflexão crítica, ou seja, suas experiências individuais não têm o mesmo contexto de uma sociedade, portanto, esses conhecimentos devem ser ampliados para que se adquira uma reflexão crítico-social. O autor ainda ressalta que na pesquisa de natureza qualitativa:

Os dados não são coisas isoladas, acontecimentos fixos, capitados em um instante de observação. Eles se dão em um contexto fluente de relações: [...]. É preciso ultrapassar sua aparência imediata para descobrir sua essência. [...]. Todos os sujeitos são igualmente dignos de estudo, todos são iguais, mas permanecem únicos, e todos os seus pontos de vista são relevantes; do culto e do iletrado, do delinquente e do seu juiz, [...]. Procure-se compreender as experiências que eles têm, [...]. Esses conceitos manifestos, as experiências relatadas ocupam o centro de referências das análises e interpretações, na pesquisa qualitativa (CHIZZOTTI, 2006, p. 84).

Nessa perspectiva Alvarenga (s/d), ressalta que o “direito à Educação de Jovens e Adultos [...]. Como documento na forma da lei, o PNE é signo ideológico sobre o qual podem ser perscrutadas as vozes e as disputas sobre os seus sentidos para classes ou frações de classes da sociedade brasileira” (ALVARENGA, s/d, p.123). Isso traz a comprovação de que ainda se tem muito a fazer pela melhoria da educação de adultos. É preciso sair do papel as ideologias e passar a ser trabalhadas de fato o que a lei determina para essa modalidade educacional.

O Parecer CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica) 11/2000, mostra os estudos realizados com a comunidade educacional, e as teleconferências sobre a Formação de Educadores para a Educação de Jovens e Adultos, porém “estudos e teleconferências” se efetivaram em estados com realidades díspares às da nossa região e embora tenham a intenção de beneficiar essa modalidade de educação, infelizmente essa “Formação” não contempla o quadro de professores da EJA o que dificulta o aprimoramento nessa área educacional, e o acesso de determinados educandos ao ambiente escolar.

DA APLICAÇÃO DAS OFICINAS DE LEITURA

As **oficinas de leitura** ajudam a ampliar as habilidades de leitura em uma diversidade de textos e conseqüentemente a desenvolver a escrita. Ela pode instigar a auto estima do educando, incentivar o trabalho coletivo, fazendo com que haja o respeito pelo diferente. As oficinas de leitura também ajudam a mostrar a valorização da cultura, da arte popular e do cotidiano do aluno, mas os assuntos devem ser expostos aos discentes, e para que as tarefas tenham êxito é necessário que se faça uma boa leitura do conteúdo antes do início da atividade. Para o desenvolvimento desse trabalho foram formados pequenos grupos, que contaram com o apoio da acadêmica pesquisadora. Contém ainda nessas oficinas: objetivos gerais e específicos; recursos e etapas.

Na primeira oficina intitulada **A caixa de textos e os gêneros textuais** participaram dezessete alunos (as), doze mulheres e cinco homens. Foram realizadas leituras com gêneros textuais: literários e não literários. Inicialmente foi feita a apresentação e o objetivo da oficina aos alunos do 1º ano da EJA; em seguida a turma foi dividida em pequenos grupos e realizou-se a circulação da caixa de textos para que cada grupo escolhesse um texto; depois deu-se um tempo para que fosse efetivada a leitura dos textos escolhidos; posteriormente, fez-se a interação entre a acadêmica pesquisadora e os educandos para a informação a respeito das questões elaboradas sobre os textos selecionados e lidos por eles.

Logo após, a acadêmica entregou aos alunos as seguintes perguntas para serem respondidas: a) **De que trata o texto?** b) **Qual o gênero textual?** c) **O texto é literário ou não literário?** Depois que os alunos entregaram o questionário, a acadêmica falou sobre os textos literários e não literários explicando a diferença entre eles, mostrando os conceitos e os exemplos através de imagens. Os textos trabalhados na caixa de texto foram: literários (crônica, romance e novela); não literários (entrevista, editorial e manifesto).

Questão 1: **De que trata o texto?** Questionou-se o conteúdo presente no texto. Quatorze alunos (as) conseguiram assimilar o que estava sendo pedido. Dessas quatorze respostas destacamos: “Se fala das pessoas que sofrem com a ‘doença’ dislexia. E sobre os estudos que fazem e o tratamento dessas pessoas”. Dois responderam com imprecisão, como se pode observar em uma das respostas: “O texto trata-se de uma narrativa de um narrador personagem onde ele conta a história de sua filha no fim de um relacionamento ai depois ela conheceu outros rapazes ate que no final da história ele são roubados. e o unico consolo já o perflexo”; e uma resposta não estava de acordo com a pergunta como podemos observar: “trata-se de uma Historia escrita por Jorge Amado”.

Questão 2: **Qual o gênero textual?** Seis alunos (as) conseguiram identificar a segunda questão. Desses destacamos: “se trata do gênero textual entrevista;”. Onze discentes não conseguiram identificar qual gênero textual estava presente no texto lido;

Questão 3: **O texto é literário ou não literário?** Na última questão nove discentes responderam com êxito, e uma das respostas foi: “O texto é não literário”. Oito não souberam responder a questão.

De acordo com as respostas das três questões os dados nos mostram que na verdade a maioria dos alunos da Educação de Jovens e Adultos gosta de ler, o que eles não têm é o costume da leitura, pois quando foram distribuídos os gêneros textuais para eles, via-se a curiosidade em relação aos textos lidos. Eles sabem falar a respeito do que leem, o difícil é escrever porque como não têm o hábito da leitura também não trazem consigo o uso da escrita e isso influencia na falta de compreensão.

Dionísio (2008) enfatiza que as práticas de leitura e escrita não estão apenas ligadas às normas linguísticas ou gramaticais, mas estão relacionadas a significação, ou seja, cada leitura inclusive a literária pode levar a interpretações onde estão não apenas os fins individuais, mas também, o coletivo, pois essas leituras acontecem em contextos diversos, tornando-se complexas. “As práticas sociais de leituras e escrita envolvem mais do que esse nível operativo – o de saber operar com sistemas linguísticos. Ser leitor, [...], vai para além da competência técnica, envolve também o que podemos chamar um nível cultural. [...]” (DIONÍSIO, 2008, p. 75-76).

Em relação às atividades propostas, os alunos da EJA sabem quando um texto está relacionado aos gêneros textuais. A maioria consegue identificar do que fala um texto, apesar de ainda não conseguirem distinguir o tipo de gênero e nem o texto literário do não literário, mas isso se dá devido ao pouco tempo das aulas destinadas à literatura, como também à falta

de leitura e escrita que são habilidades que devem estar sempre juntas e precisam encontrar-se em uso constante tanto no que se refere ao seu conhecimento, como relacionado às informações sobre a sociedade. Apesar da professora numa dedicação constante como mediadora, trabalhar a leitura na sala de aula, os alunos somente fazem essas leituras na escola. Se há a necessidade de levarem um texto para casa, na aula seguinte é perceptível que eles não leram.

Na segunda oficina intitulada **Roda de leitura**, foram trabalhados somente os gêneros literários e teve a participação de treze alunos, devido às tarefas realizadas na primeira oficina, os alunos conseguiram analisar com maior desempenho o que foi sugerido nesta etapa das atividades como: fábula, conto, peça teatral, poema e crônica. O primeiro momento consistiu na explicação do objetivo e do nome da oficina; em seguida a turma foi dividida em pequenos grupos e efetuou-se a distribuição aleatória das cópias dos diferentes textos literários entre os respectivos grupos; a seguir deu-se um tempo para se realizar a leitura dos textos escolhidos, para que fossem respondidas algumas questões referente aos textos. A pesquisadora interagiu com os alunos sobre as questões referentes ao texto, depois os alunos receberam as seguintes perguntas: a) **De que tipo de gênero literário se trata?** b) **De que trata o texto?** c) **O que mais o chamou a atenção no texto? Por quê?** Logo após a entrega dos questionários respondidos pelos educandos a acadêmica pesquisadora comentou sobre os textos literários explicando e mostrando os conceitos e os exemplos dos gêneros trabalhados através de imagens.

Primeira questão: **De que tipo de gênero textual se trata?** Está relacionada ao nome do gênero textual, com isso doze alunos responderam a primeira questão com clareza e objetividade. Dentre as respostas estão: “trata de um conto”; “crônica”; “Um poema”: Exclusivamente uma aluna ao tentar explicar muito o assunto acabou por se atrapalhar e desviar do contexto: “O texto se trata de um drama nordestino e contém elementos de literatura de cordel e gênero de comédia, mas É uma peça teatral brasileira”.

Segunda pergunta: **De que trata o texto?** Nessa questão, onze alunos responderam de acordo com a pergunta: tal como mostrado na resposta: “O texto trata-se de uma águia e as galinhas, que a águia foi pega quando bebe e foi criada entre as galinhas e depois de adulta apareceu um naturalista que quando avista a águia junto das galinhas teimou dizendo que ali não era o lugar dela, porque uma águia deveria estar livre nos altos do céu azul e tentaram 2 vezes fazer-la voar e ir embora mas não foi, então tentaram a 3º vez então ela pegou voo e foi ver livre como uma águia”; um discente copiou um trecho do texto: “A caminho de casa entro num botequim da Gavea para tomar um café junto ao balcão na realidade Estou adiando o

momento de Escrever”. Um (a) aluno (a) não respondeu adequadamente à questão “O texto trata de um personagem nervoso e agitado e ingnorante e o personagem é um observador”.

Terceiro questionamento: **O que mais o chamou a atenção? Por quê?** Essa questão faz menção à compreensão do educando, pois acredita-se que ao entender o texto o aluno vai se interessar pela continuação da leitura. Dessa opção colocada aos educandos, doze deram respostas práticas e claras. Uma das respostas: “A parte em que ela consegue voar e ir embora viver livre como todas as águias.

Por que o final dessa História tem muito Have com nossas vidas nós não podemos viver presa em um lugar onde não é da nossa vontade pois cada um temos o livre arbitro pra decidimos nossas vidas e pra onde queremos voar”; apenas um aluno se confundiu na questão. “Um homem cansado que via só no meio da mata. dificilmente uma pessoa que vivi so no meio da mata”.

Podemos inferir que devido aos trabalhos efetivados anteriormente, os educandos obtiveram maior êxito na execução das atividades recomendadas. Os dados nos mostram que os educandos obtiveram esses resultados porque deram atenção às explicações que lhes foram fornecidas, e apesar de entendimentos diferenciados, corresponderam às expectativas ditadas nas propostas acima citadas.

Vinhais (2009) ressalta que o discurso desses sujeitos inteirados de sua própria história e sentimentos, estão em consonância com as mudanças vivenciadas por cada um, na qual conferem o que acontece ao seu redor e lhe atribuem sentido de formas diferenciadas, pois cada aluno vem de um contexto diferente.

Isso é a comprovação de que apesar de todos os problemas enfrentados, os educandos da Educação de Jovens e Adultos demonstram interesse pelos conteúdos expostos na sala de aula e estão dispostos a superar o período que passaram fora da escola. É nesse momento que se vê a importância da presença do professor de Língua Portuguesa e Literatura, como mediador uma vez que não se pode aprender literatura sem a presença de uma boa leitura acompanhada da interpretação e da análise crítica dos textos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura e a interpretação de textos literários são de certa forma, complexos, necessitando de uma multiplicidade de atividades que ampliem os saberes para provocar a reflexão crítico social. A escola, como uma das instituições mantenedoras do saber formal, é o

local onde se encontra possibilidades de se adquirir os meios, para os alunos terem acesso e expandir seus conhecimentos, uma vez que existem materiais disponíveis para dar suporte aos professores para mediar essas atividades. Em se tratando da EJA, ainda que seja lento o aprendizado desses alunos, vale a pena o comprometimento tanto desses discentes quanto dos professores e do corpo docente da escola em geral.

Na escola pesquisada, nas turmas do 1º ano do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos - EJA, o ensino de literatura acontece, embora seja de forma reduzida devido ao tempo disponibilizado a esses estudos e, com isso o aprendizado dos alunos deixa a desejar como observado nos dados coletados. Dessa forma, podemos inferir que a literatura por ser pouco trabalhada na sala de aula, e os alunos não terem o hábito da leitura, não influencia tanto na formação cidadã dos educandos da Educação de Jovens e Adultos.

Vale ressaltar, portanto, alguns pontos importantes verificados nessa pesquisa: no primeiro ponto, nota-se que a docente responsável pelo trabalho de Língua Portuguesa e Literatura não utiliza os textos literários para fazer estudos gramaticais. Num outro ponto nota-se que os discentes reconhecem a importância da literatura para a sua formação e da sociedade (sabem fazer essa justificativa oralmente, no entanto, não conseguem passar para a forma escrita); o que se atribui realmente a falta de leitura desses discentes, é nesse contexto que se torna imprescindível o uso do material literário como forma de aguçar o interesse dos alunos da EJA a praticarem a leitura literária e assim despertarem a sua curiosidade e o interesse também pela escrita.

No que se refere ao objetivo dessa pesquisa de mostrar como a literatura pode contribuir na formação do leitor competente da Educação de Jovens e Adultos observando o mundo que os cerca e relacionando ao seu cotidiano, os dados mostram o que na teoria vem indicada como totalidade, no entanto, sua ampliação é limitada. Desse modo, podemos observar as contradições existentes nas leis que amparam ou deveriam auxiliar essa modalidade de ensino.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Marcia Soares de. **Educação de Jovens e Adultos no PNE 2014-2024: entre os ajustes econômicos e os direitos sociais na atual conjuntura de crises no Brasil**. Revista Educação e Cultura Contemporânea, v.13, n. 33, s/d.
- BÁRCIA, Mary Ferreira. **Educação Permanente no Brasil**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda, 1982.
- BENVENUTI, Juçara. **O dueto leitura e literatura na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2012.
- CADEMARTORI, Lígia. **O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos: o direito à literatura**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.
- CONFINTEA, Conferência Internacional sobre a Educação de Adultos (V: 1997: Hamburgo, Alemanha): **Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro**. – Brasília: SESI/UNESCO, 1999.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____. **Circuitos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.
- DIPIERRO, Maria Clara. **A Educação de Jovens e Adultos no Plano Nacional de Educação; avaliação, desafios e perspectivas**. Educ. soc. Campinas, v. 31, n. 112, p. 939-959, jul.-set. 2010.
- DIONÍSIO, Maria de Lourdes- **Literatura, Leitura e Escola. Uma hipótese de trabalho para a construção do leitor cosmopolita**. In: **Leituras Literárias: discursos transitivos** MARTINS, Aracy; PAIVA, Aparecida; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia. Belo horizonte: Ceale; Autentica, 2008.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução; tradução-** Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção; tradução:** Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- Educação para Todos: o compromisso de Dakar:** - Brasília: UNESCO, CONSED. Ação Educativa, 2001.
- FONSECA, Luiz Almir Menezes. **Metodologia Científica ao alcance de todos**. Manaus: Editora Valer, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2009.

GOMES, Ana Valeska Amaral. **Educação de Jovens e Adultos no PNE 2001- 2010**. Consultoria Legislativa da Área XV- **Educação, Cultura, Desporto, Ciência e tecnologia**. Brasília-DF,2011.

IRELAND, Timothy D. **Vinte anos de Educação para Todos (1990- 2009): um balanço da educação de jovens e adultos no cenário internacional**. In: **Educação de Jovens e Adultos. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP)**. Maria Margarida Machado (Organizadora). Em Aberto, v. 22, n. 82, p. 1- 147. Brasília, 2009.

KLEIMAN, Ângela. **Leitura ensino e pesquisa**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Cortez, 2006.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MELO e SOUZA, Antonio Candido. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. São Paulo. T. A. Queiroz, 2000.

NASCIMENTO, Jair Cruz do. **O ensino da literatura na educação de jovens e adultos**. Guarabira: UEPB, 2010.

Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio). Coord. Zuleika Felice Murrie. Consult. Isabel Gretel M. Eres Fernández. (et al), 2000.

PARECER CNE/CEB 11/2000 – Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica: **Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos**.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de adultos: Introdução e entrevista de Dermeval Saviane e Betty Antunes de Oliveira**; versão final revista pelo autor. São Paulo: Cortez, 2007.

Relatório de monitoramento de educação para todos Brasil 2008: **educação para todos em 2015; alcançaremos a meta?** – Brasília: UNESCO, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo horizonte: Autêntica, 2006.

_____; PAIVA, Aparecida “Introdução”. In. PNBE na escola: **literatura fora da caixa/** Ministério da Educação: elaborado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da

Universidade de Minas Gerais [Brasília Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2015.

VINHAIS, Ione Maria Rich. **Literatura, leitura e produção textual: no ensino médio.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

WIELEWICKI, Vera Helena G. **A agência discente e a formação do leitor em aulas de literatura In: Leitor, leitura e literatura: teoria pesquisa e prática: conexões/Alice Áurea Penteadó Martha, organizadora.** Maringá: Eduem, 2008.